2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 34. QUINTA FEIRA, 1 DE ABRIL DE 1852. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

AGRICULTURA EM PORTUGAL PELO SYSTEMA LOMBARDO.

(Continuado de pag. 387.)

ARROTEAÇÃO AGRARIA.

Estabelece-se em qualquer propriedade rural uma regular arroteação agraria, para ter por tres ou quatro annos consecutivos abundancia de colheita, com muita economia de despeza e principalmente de adubos. É só deste modo que a agricultura póde florescer. Deste systema de arroteação agraria obtem se admiraveis vantagens; por exemplo:

1.° Lavrar o terreno repetidas vezes, segundo a sua natureza, e a quantidade de sementeiras. Esta lavra deve ser feita tres e quatro vezes como já referi e á terceira é que se aduba a terra, e se semeia. Acontece muitas vezes que os estrumes, não estando bem fermentados, trazem comsigo sementes de ervas nocivas, que crescem, e por isso convêm a quarta lavra para as extirpar. É só então que se deve semear trigo.

2.° Prepara-se depois o mesmo campo com uma lavra e semeia-se milho.

3.° Para cevada ou centeio basta tambem que aquelle campo seja uma vez lavrado, semeando-se depois.

Póde-se tambem misturar trevo, cujas forragens produzem boa erva tanto para feno, como para verde, de que o gado gosta muito.

4.° Neste anno rompe se novamente a terra, com uma quarta lavra e sem adubos, semeando-se outra vez milho, ou mais generos convenientes á natureza e força do terreno, e segundo a extracção propria do logar. Não se estruma, porque as raizes das ervas, sendo revolvidas com o arado no rego, ficam misturadas na terra, e servem como de adubos para o milho etc.

Finalmente é necessario depois adubar a terra, como no primeiro caso, e sujeital-a á *cultura agostana*, u'outra parte demonstrada, continuando-se a arroteação relativa aos outros 4 annos. Além desta arroteação pódem-se adoptar outras, como é a arroteação triennal para os legumes e plantas tuberculosas, principalmente as batatas etc. etc.

DAS LAVOURAS E DAS SEMENTEIRAS DE CEREAES E SEUS PRODUCTOS.

Ha algumas qualidades de sementes que são desprovidas de taes qualidades que, para darem uma abundante e lucrativa colheita, querem, antes de serem lançadas á terra, que esta seja lavrada tres e quatro vezes, sendo este trabalho feito alternativamente de 15 em 15 dias, ou pouco mais ou menos, e mesmo de mez em mez. Ha, porém, terras de charco, em que é necessario fazer a lavra quatro vezes no anno, e em algumas duas. As sementeiras que precisam aquelle tratamento de repetidas lavras são os prados, o canhamo, rabão macho, couve colza, a betaraba que serve de forragem para o gado, e qualquer outra semente que se quer deitar nas terras de nova plantação, que antes eram bosques, mattos etc., menos em algumas localidades excepcionaes, como nas varzeas enxutas, e finalmente em todas as terras, sem excepção, que deram muitas colheitas de cereaes durante o espaço de 4 ou 5 mezes, e por isso devem ficar sujeitas ás indicadas lavras de 15 em 15 dias, trabalho que se chama *cultura agostana*, entre os agricultores italianos. Isto costuma-se fazer para tornar a dar á terra aquella grande porosidade que perdeu no decurso de 4 ou 5 annos de arroteação ou afolhamento, por causa do rasto dos carros, uso dos instrumentos, pezo dos bois, da charrua e da chuva, o que tudo contribue para a tornar muito adherente e compacta, de tal modo que lhe faz fechar a porosidade que tinha antes; e ao mesmo tempo serve para limpal-a das ervas nocivas que cresceram durante aquelles annos, como a grama e outras.

Não subordinando as terras a este processo, vem o lavrador a ter uma perda enorme de cereaes, e da metade e tres quartos mesmo do trabalho. Engana-se pois aquelle agricultor que lavra a terra uma só vez, e com mau arado, debaixo do pretexto de promptidão, e de economia de adubos, tempo e costeio etc. Taes principios são desprovidos de todas as rasões fisicas e economicas, que aqui não refiro pela

brevidade de meu assumpto; porque os seus effeitos são geralmente conhecidos, e todos os dias se tornam mais palpaveis, demonstrando pelos factos onde está a utilidade. Alguns inveterados nos antigos usos são tão difficeis de convencer, que só gritam por economia, fazendo com esta palavra um damno immenso tanto aos ricos proprietarios como aos camponezes, os quaes vendo o exemplo adoptam e abraçam tudo o que lisongeia a esperança de mudarem o seu destino, porque estando possuidos de tão absurdas doutrinas, em caso de ruina accusam as estações etc., do mau resultado das colheitas, por estarem sempre esperando um bom futuro, que nunca lhes ha de chegar.

O agricultor para obter favoraveis resultados, necessita não sómente lavrar profundamente a terra, mas tambem estrumal-a segundo a arte. No primeiro anno sendo grande a despeza, o lucro tambem não póde ser muito satisfactorio; mas depois apparecem os bons effeitos do tratamento primitivo, não precisando a terra, durante os 4 ou 5 annos de roteação, mais que uma só lavra, sem mais adubos, seguindo-se o methodo da sobredita arroteação agricola.

MELHORAMENTOS AGRICOLAS. SYSTEMA DE COLONISAÇÃO.

O systema de colonisação da alta Lombardia é considerado como o melhor entre todos os povos conhecidos.

Na agricultura como em qualquer outra industria, a economia de tempo e das forças é uma condição vital da sua prosperidade.

Os paizes exclusivamente agricolas, como a Lombardia, devem o prodigioso desenvolvimento das suas riquezas á rigorosa applicação destes principios. Entre todos os povos distinguiram-se os da Lombardia, que deram o exemplo com o trabalho da *mezzadria*, isto é a respeito dos productos entre o proprietario e o colono, o qual trabalhando em propria vantagem, emprega toda a sua força, não perde um instante de tempo, e occupa tambem a mulher e os filhos.

A superioridade deste systema era tão evidente, que os grandes proprietarios desistiram do antigo, que consistia em fazer cultivar por sua conta, e com meios mercenarios, e precisamente como se praticava em Calhariz, e em outras partes.

As grandes vinhas dispostas da maneira que o são em Portugal, Hespanha, e França Meridional, não pódem ser administradas por *mezzadria*, pela rasão que dão um producto só, o vinho: e uma familia de colonos tem necessidade de tirar do terreno cultivado por ella todos os diversos generos que servem para o seu sustento, como são trigo, milho, cevada, batatas, legumes, azeite, e feno sem o qual não pódem manter o gado necessario ao trabalho, e á producção dos estrumes. Estabelecendo as vinhas, tive em vista dispôl-as de maneira tal que se podessem obter todos os sobreditos generos, para que sirvam de introducção ao systema recommendado.

Effectivamente a vinha é murada por amoreiras, para defender o campo da invasão do gado; e outras são collocadas em distancias certas no interior das vinhas. Fica pois o campo atravessado entre fileiras de vides, e amoreiras, podendo-se tambem plantar oliveiras. Dispondo assim o campo colonial tem-se em um anno os productos que se desejam, cultivando um só; como tambem cultivando-se milho e qualquer outro cereal, tem-se este juntamente com o azeite, e todos os productos da amoreira; pelo que em proporção com outro systema differente é sempre muito maior o resultado, por isso que lavrando e adubando as terras para os cereaes alcançam todas as plantações por esta benefica operação, contemporaneamente, uma grande ventagem, quer sejam d'uma especie quer de outra.

A vide produz, pois, maior quantidade de uva, porque se conserva mais forte. Dura mais tempo; e achando-se perfeitamente bem alliviada e arejada, a uva amadurece, e não ha perigo que a nevoa venha damnificar a florescencia, como succede com as vinhas ordinarias. Não ha necessidade de trazer ás costas os cestos com o estrume, nem no tempo da vindima a uva, poisque serve o carro com muita economia de despezas.

Se de uma vinha ordinaria, tratada por conta propria, se tira por exemplo, 10; tratada por systema de colonisação, o proprietario, dividindo por metade, recebe quasi os seus 10, da mesma maneira, sem despeza; tanto porque o colono tem maior cuidado no amanho, não permittindo furtos ou damnos, como pela maneira diversa de tratar as vinhas, que acima se explica.

E se a familia colonial trabalha com zelo, é porque espera que pela sua diligencia e actividade augmente os productos, porque tudo lhe pertence menos a metade da uva, do vinho, e azeite, e uma pequena parte de trigo, tendo sómente de pagar um juro conveniente pelo preço dos utensilios fornecidos. O proprietario, por sua parte, não terá de cuidar em despezas algumas, exceptuando a de um agente, que fiscalise a conducta dos colonos, a quem será confiada a boa conservação dos utensilios, e que lucrará o quinhão que lhe pertence. Quando no decurso do anno o colono tenha necessidade de quaesquer soccorros por acontecimentos imprevistos, ou desgraças, o proprietario lhos subministrará ou em dinheiro, ou em generos, e reembolçar-se-ha na época da colheita, pela porção de azeite, uva, casulos de seda, cereaes, e outros productos pertencentes ao mesmo colono. É este o systema que se pratica na alta Lombardia, donde provêm a um tempo o bem-estar dos colonos, e a riqueza dos proprietarios.

Quando communiquei este projecto a uma pessoa, quiz combaterm'o com o pretexto especioso da difficuldade de induzir os habitantes do campo a abandonarem os seus costumes. Mas isto é um sophisma e não um argumento. O homem do campo não é tão desprovido de intelligencia que, offerecendo-se-lhe o meio de sahir da classe miseravel de mercenario, regeite logo o partido.

As vantagens tão claras e evidentes deste systema de colonisação fallam mais forte á sua rasão, que não a voz dos prejuizos, e dos conselhos dos inimigos systematicos de toda a innovação. Sómente não ha duvida em que a colonisação não é obra de um momento, mas para desenvolver-se gradualmente é necessario progredir com prudencia, para que o feliz resultado das primeiras tentativas convença os mais incredulos da sua conveniencia, e disponha os animos a seguir o exemplo.

Para não cançar mais, não me occupo com longas demonstrações das consideraveis melhoras que se realisariam não somente na vida agora mesquinha do colono, como nos interesses dos proprietarios.

Nem só os particulares approveitariam com tão louvavel innovação, tambem o Estado havia de tirar, immediatamente, effeitos rendosos. A população cresceria com rapido incremento, porque onde for facil a existencia das colonias, formam-se logo novas familias. Estas contribuem com as suas fadigas, para o augmento da producção agricola que tambem por seu turno favorece a população.

A alta intelligencia de s. ex.ª o sr. duque, de sempre chorada memoria, ordenou que se désse logo principio a este maravilhoso systema de colonisação, começando por adoptar para este fim os locaes que já existiam; e que se designassem, e propozessem novos como se fez.

(Continúa.)

ESTRUMES PELO METHODO INGLEZ.

(Concluido de pag. 290.)

É difficil, até ao cultivador inglez, explicar as mui consideraveis differenças que ha no effeito dos ossos pulverisados, sobretudo a sua acção admiravel e quasi exclusiva na sementeira dos nabos turnepos. Entre as rasões que se dão, eis as que me pareceram de mais fundamento.

É importantissimo, para o bom exito da cultura dos turnepos, que as sementes escapem, mediante uma germinação prompta e o rapido crescimento das plantas novas, ás devastações causadas pelos insectos rasteiros.

Para esse fim, carece-se de um estimulante energico, por exemplo e á falta de outro, de uma estrumada abundante. Uma vez passado esse perigo; os turnepos desenvolvem bem depressa as folhas, tiram da atmosphera, em grande parte, a sua nutrição, e do solo muito pouco.

Os ossos pulverisados, em contacto com as sementes da maneira já indicada, fornecem aquelle estimulante pela decomposição das materias que encerram: quanto mais fino é o pó, tanto mais se prepara e facilita a sua decomposição, e mais rapido e efficaz é o effeito. Segue-se dahi, e a experiencia assim mostrou em Inglaterra, que o emprego de uma quantidade de ossos mui superior ao termo medio não augmenta a producção na proporção do accrescimo. A experiencia igualmente provou que a forte dose de estrume dada aos turnepos não serve realmente senão para lhes fazer passar felizmente o periodo perigoso que apontamos, no começo de sua vegetação.

Effectivamente, não obstante a abundancia da colheita, deixam a maior parte do adubo ás plantas que lhes succedem. Esta ultima circumstancia deve necessariamente ter grande influencia no accrescimo e força productora das granjas inglezas. Todavia, hesito em decidir se esta explicação é exacta, ou se o clima da Inglaterra, o methodo de converter frequentemente as terras em prados, ou quaesquer outras causas tornam mais vantajoso alli o emprego dos ossos pulverisados do que em outros paizes.

Caldeação ou caldagem: chaulage. — É um methodo muito usado em Inglaterra. Quanto ao modo de applicação e aos effeitos sobre as differentes especies de terrenos, á quantidade de cal empregada, á repetição mais ou menos frequente da caldagem, as informações ministradas pelos cultivadores inglezes variam tanto como as que se leem nas diversas obras sobre agricultura.

Muitas circumstancias moveram os inglezes a usar de muito grandes quantidades de cal, e fizeram com que a caldeação tenha alli mais prospero exito do que em outros paizes.

Da-se o caso de haver abundancia de cal e giz; o carvão de pedra é por vil preço; segue-se a extensão dada aos prados artificiaes que se caldeiam com muite proveito quando se arroteam; finalmente o uso do adubar deste modo os ruins prados naturaes. Demais disso, uma das causas principaes do bom resultado dessas caldeações de certo consiste na quantidade maior de adubos organicos de que alli se dispoem. É precisamente uma regra fundamental da caldeação, na Inglaterra, acompanhal-a de uma quantidade de estrume igual á que teria sido empregada sem aquelle adubo.

Adoptaram-se mais estes principios: — que a cal tem, sobretudo, vantajosa influencia sobre uma terra compacta contribuindo para a tornar mais solta, e sobre uma terra inerte, na qual desenvolve vigor e força activa: — que n'estas especies de terrenos podem applicar-se quantidades de cal maiores do que nos outros: — finalmente, que é preciso sanear completamente o terreno antes de lhe dar a caldagem.

Limitar-me-hei a descrever o processo que vi applicar a um vasto campo que estava de pouzio, em o condado de Northumberland.

O solo era extremamente compacto. Transportaram-se para as sobreditas terras 220 bushels de cal por acre de terra; e similhante caldeação é repetida de vinte em vinte annos, ou todos os dez annos se acaso se emprega só metade. A cal era cosida de fresco, e tinham-na repartido em pequenos montes cobertos de terra; deixaram-na assim alguns dias, ao cabo dos quaes achava-se reduzida em pó. Neste estado foi espalhada por todo o campo: cobriram-na o mais igualmente possivel com uma leve lavoura, e misturaram-na completamente com a terra com repetidas passagens da grade, tanto ao comprimento como á largura. No mesmo anno da caldeação não é usado o emprego do estrume de curral. Servem-se pouco do giz ou greda em bruto.

Marnagem. — Era n'outro tempo muito mais frequente do que é agora o uso do marne ou marga, e a pratica da caldeação propaga-se á medida que se perde a da marnagem. Quando é mister mandar vir de longe a marga, o cultivador inglez acha as despezas desproporcionadas com o resultado.

A grandissima extensão e a extraordinaria voga que tem obtido ha vinte e cinco annos a marnagem em o norte da Alemanha dão azo a que se apprenda ahi sobre este objecto muito mais do que em Inglaterra. De resto, o condado de Norfolk, que forneceu tantos exemplos seguidos na agricultura alemãa, conseguiu por via da marnagem, como é notorio, dar consistencia ao seu terreno arenoso.

O emprego do gesso é igualmente mais extenso e variado em Alemanha do que em Inglaterra.

Sal. — Os lavradores inglezes admiram-se quando se lhes conta o muito que se tem fallado e escripto em Alemanha das vantagens, que se presume obtidas por elles com o emprego do sal em larga escala para melhoramento das terras.

Tendo feito muitas indagações não pude achar vestigio de similhante uso efficaz do sal; ao contrario todos os ensaios aqui feitos tem tido o resultado negativo como em Alemanha demonstraram claramente o pouco effeito que produz esta substancia na vegetação. Abandonaram, portanto, em Inglaterra essa idéa.

Parece que toda a azafama que houve, em certo tempo, a respeito do uso do sal como correctivo e melhoramento das terras lavradias, só tinha por objecto induzir o governo a diminuir o pesado imposto que onerava o sal marinho, a fim de que se podesse empregar em maior quantidade para uso do gado.

Finalmente, o meio de melhorar e fertilisar o terreno com a argila cozida, que ha tempos teve o privilegio de attrahir a geral attenção tanto em Inglaterra como em Alemanha, ficou pertencendo puramente á theoria; pelo menos, não o pude descobrir na pratica dos cultivadores inglezes.

MEMORIA SOBRE ALGUNS MELHORAMENTOS POSSIVEIS DA VILLA E CONCELHO DE ALENQUER.

CAPITULO VII.

Passeio publico.

(Continuado de pag. 391.)

Do governo civil respondeu-se-me que promovesse representação da camara; cumpriu-se; veio noticia de que se havia mandado a representação para o ministro da fazenda. Ainda lá me dirigi, mas não obtive resposta, e pouco depois se vendeu a fabrica, sem attenção á representação municipal, e administrativa.

Recebendo em seguida a portaria de 21 de dezembro de 1850, expedida pelo ministerio da fazenda, ordenando que os administradores examinassem escrupulosamente qualquer lista de bens nacionaes annunciados para venda, que porventura chegasse aos seus concelhos, e que, achando entre elles alguma propriedade que intendesse com o futuro melhoramento de rios ou estradas, assim o communicassem immediatamente; e dizendo eu em resposta, que já em harmonia com os principios que presidiram á confecção da portaria havia representado, mas sem fructo, a favor do municipio, que na venda da fabrica e pertenças não fosse incluida a lameda, *obtive resposta*, e vim a saber o motivo porque a representação foi desattendida: a venda foi decretada por lei, o governo entendeu que não podia subtrahir a lameda.

Refiro estas circumstancias para os habitantes da villa saberem que me não esqueci de evitar-lhes a possibilidade de no futuro se lembrar alguem de fechar a lameda; e quaes os motivos porque não obtive. Refiro-as mais ainda para mover o patriotismo dos compradores da fabrica a cederem, em favor do municipio, de qualquer direito que tenham naquelle terreno. O municipio, aformoseando a lameda, como é necessario, tambem fará conveniencia aos operarios da fabrica, que alli terão um recreio depois das suas fadigas.

CAPITULO VIII

DESECAÇÃO DO PESTIFERO PAUL DO BUNHAL, NAVEGAÇÃO DESDE A FOZ DO RIO D'OTTA, NO TÉJO, ATÉ AO ARCHINO, CONSTRUCÇÃO DE UMA ESTRADA ENTRE O ARCHINO E VILLA NOVA DA RAINHA, MEIOS PARA A REALISAÇÃO DESTAS OBRAS.

§ 1.º

Flagello publico de parte deste concelho.

Os habitantes da freguezia d'Otta soffrem um flagello, digno da attenção do governo, nas sezões maleficas e proverbiaes de que são todos atacados, e por varias vezes em cada anno: havendo occasiões em que a população toda offerece um aspecto que commove e afflige. Este mal, no estio e soprando ventos do lado do paul, denominado o — Bunhal — se communica ao logar do Camernal, a Villa Nova, e quintas visinhas. Não basta a fertilidade e riqueza do solo para animar um progresso constante de população, e a compensar dos effeitos de tão grandes males, e de tantos perigos. A antiga freguezia de S. Bartholomeu está despovoada e extincta, e o seu templo serve hoje de abrigo aos gados do campo; sorte egual á da freguezia se póde recear para todo aquelle paiz.

Este mal, que os persegue na estação calmosa, é substituido por outro, ainda mais geral (por abranger maior extensão de paiz) na estação das chuvas. Nesta não é de maneira alguma praticavel a estrada para Villa Nova da Rainha. Os lavradores d'Otta, da Abrigada, e dos concelhos de Cadaval e Alcoentre, que necessitam de exportar os seus vinhos, ou outros quaesquer objectos, em carros por Villa Nova, não se podendo servir da estrada, que os engoliria com os bois, carros e carradas, aventuram-se com os seus carros pelas terras particulares; sujeitando-se não só ao incommodo de fazer caminho por terras cultivadas e alagadiças, mas ao perigo de se encontrarem com os guardas, que, para defenderem a terra e prohibir o transito que lhes damnifica as sementeiras, se batem com os carreiros; os quaes tambem, a seu turno, se julgam com direito de viajar no proprio paiz, pelo unico meio que lhes é possivel. Poderá parecer incrivel que em um estado civilisado, a poucas horas da capital, e para se alcançar o primeiro porto, ou um dos primeiros, do interior, seja necessario aos viajantes fazer caravanas, e dispôr-se a abrir caminho combatendo! Pois tudo isto é uma triste verdade, e são repetidos estes conflictos, de que tem resultado mortes!

§ 2.º

Obra publica que o evita.

Todos estes males se pódem evitar, fazendo-se uma obra que deveria ser concluida ainda quando não offerecesse outras vantagens; e, todavia, são tão gran-

des as que della provém, que deveria ser feita ainda quando se não tivesse em vista o evitar aquelles males.

Esta obra é a navegação do rio que corre desde o Archino até Villa Nova da Rainha. Obra (a meu vêr) muito possivel, que tem em si os meios da construcção e conservação, e que depende principalmente de uma vontade energica, cordial e conscienciosa da parte dos que dirigem os negocios do estado.

Em aguas vivas chegam as marés até á ponte de S. Bartholomeu, e até lá navegam pequenos botes para carretos de combustivel e outros usos domesticos. Esta ponte dista de Villa Nova cento e vinte minutos de caminho, intransitavel em grande parte do anno. Com mais alguma profundidade se conseguiria esta navegação para barcos convenientes.

A abertura e profundidade d'uma valla desta parte até ao principio da alagôa do Bunhal é facil, pela qualidade do terreno — por não ser longo o espaço — e por se trabalhar á vontade, livre do embaraço das aguas, que seria nenhum ou diminuto em algum tempo do anno. Em parte desta distancia as aguas correm para o interior em tempo de chuva, por ser mais baixo o terreno em que está a lagôa. Esta agua ahi agglomerada não tem em parte do anno outra saída senão pela evaporação que envenena os habitantes. Quando a superficie da agua sóbe mais do que a terra que separa a lagôa do rio d'Otta, alguma corrente se estabelece do interior para o rio — corrente muito trabalhosa por entre pequenos lagos e pantanos que vai formando até chegar á ponte de S. Bartholomeu; achado o nivel pára a saída, e principiam as sezões.

(Continúa.)

A DEFEZA DOS PORTUGUEZES NO BRAZIL.

(Continuado de pag. 390.)

É falso que no Pará durante a Vinagrada, ou em qualquer outra época, existissem portuguezes militarmente organisados a combater nas fileiras do governo; creio que em Caxias durante a desordem de 1839 a 1840 alguns serviram nos corpos do paiz; mas tambem tenho por falso que em Pernambuco houvesse os armamentos de que falla o *Argos*. O que sei com muita certeza é que, auctorisado pelo governo central, o provincial, a cuja testa se achava então o actual ministro da guerra, mandou formar aqui um batalhão de compatriotas meus (esqueceria ao *Argos* este horrendo crime?) o qual não combateu contra a Balaiada porque felizmente não foi necessario. Supponhamos, porém, que fossem verdadeiros os armamentos censurados por aquella gazeta, porventura significava isso que os portuguezes se intromettiam na politica dos brasileiros? Nenhum homem desapaixonado ha de pensar como o *Argos* sabendo as causas que podiam dar logar a semilhantes armamentos.

Eu desafio os srs. do *Argos* para me responderem á seguinte pergunta. Imaginem-se em Lisboa, e que as suas vidas e propriedades eram ahi acommettidas por uma plebe allucinada e infrene, a qual por seus actos ridiculisasse e profanasse o santo nome da liberdade que indecentemente invocasse; imaginem que para escapar aos loucos furores dessa populaça, lhes convinha unir-se ás tropas que o governo enviasse para restabelecer a tranquillidade; recusariam acceitar as armas que elle para isso lhes offerecesse? Deixar-se-iam com os braços cruzados ferozmente assassinar para não perturbar a populaça na mui *patriotica* empreza de regenerar o paiz pelo roubo e assassinato? Tenho por mui cavalheiros os redactores a quem fallo para crer que me respondam negativamente. Ainda vou mais longe: a modo que lhes estou ouvindo dizer que, realisada esta hypothese, se tivessem polvora e bala não esperariam o consenso do governo para com a força repellir a força; e obrariam com acerto, porque em taes casos a lei primeira é a da conservação, e mais vale morrer corajosamente com as armas na mão do que como covarde. Mas o que a elles seria licito em terra alheia, sêl-o-ha aqui vedado aos portuguezes?

Se não intendo mal o *Argos*, elle chama progressistas ao *Vinagre* e *Balaio*, parecendo assim dar a intender que, na sua politica, assassinar, roubar, e destruir, as unicas coisas que fizeram os *exercitos nacionaes* commandados por aquelles homens, significam progresso e patriotismo; como porém não é crivel que elle quizesse dizer isto, não lhe responderei, o que podia fazer sem questionar sobre politica, porque aquelles factos já entraram no dominio da historia, e a todo o mundo compete fallar nelles e moralisal-os.

Ao meu proposito basta aqui declarar, que a vinagrada e a balaiada estão ainda na memoria de todos, unicamente pelos males e crimes que causaram, e que não foi o governo que mandou perpetrar esses crimes. Alguns scelerados, o *refugo e as fezes* da sociedade brasileira, foram os que sob pretextos politicos, e do bem do paiz, o véo com que muitas das mais torpes paixões costumam disfarçar-se, conduziram a incauta populaça a commetter horrores, que as auctoridades, por frouxidão ou por falta de forças, tranquillamente presenciaram, quando delles não foram victimas, como o presidente e commandante das armas do Pará. Deveria pois um estrangeiro em tão infaustos dias recusar uma arma, com o auxilio da qual podesse salvar-se, bem como a sua mulher e a seus filhos? Senhor do *Argos*, por honra vossa e do vosso partido, buscae que fóra do paiz ninguem saiba existirem nelle gazetas, as quaes exigem que o estrangeiro se deixe humildemente assassinar e á sua familia, pelas *honradas cohortes*, ou pelas *columnas populares* dos *Vinagres*, *Balaios*, e *Raimundos Gomes*; isto é, por homens sem pensamento algum politico, e cujos nomes por si sós deshonrariam o partido em que entrassem. Desgraçada a nação, que por columnas populares só tivesse gente igual á que em 1839 destruiu Caxias!!...

Sem receio de ser desmentido, eu posso asseverar que ha muitos annos não existe nesta capital um portuguez que directa ou indirectamente se metta na politica dos partidos, seja qual fôr a côr politica destes. E o mesmo que aqui succede, acontece por toda a provincia, ou antes por todo o imperio, com uma ou outra excepção, sempre inevitavel entre tantos individuos de uma nação, e muito mais entre os de

uma nação nas circumstancias em que os portuguezes estão para com os brasileiros.

Haverá lá por fóra alguns filhos de Portugal tão entrelaçados com a gente de um ou outro partido pelos laços do sangue ou da amizade, que nem sempre possam escusar-se de influir sobre os seus correspondentes para se votar em tal ou tal candidato para deputado ou senador; mas aonde aqui o crime? Em nenhum paiz constitucional essa influencia indirecta se chama delicto, mas quando o Brasil por tal o capitulasse, permittiria a justiça que pelo crime de um, ou de meia duzia, respondessem todos os individuos da mesma nação! Ao contrario devera-se pensar que a qualidade de estrangeiro não derroga as obrigações de parente ou amigo; e por consequencia nunca se deveria reputar crime contra a nacionalidade de um paiz o lançar mão dos meios licitos afim de alcançar para um parente ou para um amigo meia duzia de votos.

Quero ainda conceder que haja por ahi alguns portuguezes que entre os seus amigos, ou conhecidos fallem na politica do paiz, ou mesmo a discutam, quando della lhes póde resultar bem ou mal: mas o que tem isso? Acaso pertence ao *Argos*, o campeão da liberdade, e do progresso, censurar e estorvar que alguem, seja nacional ou estrangeiro, na sua casa, ou entre amigos falle e pense como quizer, e no que quizer? Não queira o *Argos* parecer-se com a *santa* inquisição, que proclamava uma religião de paz, e fazia guerra cruel a todos os que julgavam ter liberdade para adorar a Deus a seu geito.

E de mais, são por ventura os brasileiros nos outros paizes tão calados, e tão alheios á politica como o *Argos finge* querer que os portuguezes o sejam aqui? Eu digo — finge — por se me figurar que elle estigmatisa a supposta interferencia dos portuguezes na politica, unicamente por não ser essa interferencia só em favor do seu partido. Se elles no Pará, em Caxias e Pernambuco, em vez de se conservarem imparciaes, ou de combaterem (segundo elle diz), pelo governo, se tivessem alistado nas fileiras contrarias; se tivessem ajudado a destruir o governo estabelecido, e a derribar os *oppressores do povo* que o sustentavam; isto é, se tivessem ajudado a riscar o Brazil da lista das nações, então, apesar de não deverem os estrangeiros ingerir-se na politica interna, certamente os portuguezes teriam merecido a sua approvação e deixado de ser o refugo, as fezes de sua nação, e os fautores da tyrannia; comtudo nesse caso a cabilda do *Estandarte* com rasão passaria de grupo isolado a ser maior do que o exercito com que Napoleão invadiu a Russia.

Nas contestações politicas que posteriormente á independencia do Brasil tem dilacerado Portugal, os brasileiros ahi residentes poucas vezes se conservaram mudos espectadores. Em horas bem criticas eu os vi comigo nas fileiras da liberdade constitucional, e por isso aqui lhes dou os meus agradecimentos. E note-se que a sua cooperação era puramente espontanea, e de nenhuma sorte exigida nem pelos governos, nem pelos acontecimentos. Formando-se em Coimbra no anno de 1826 um batalhão de academicos para ir combater os inimigos da carta outorgada por D. Pedro, muitos brasileiros de seu motu proprio se alistaram nelle, acompanharam-no até Vizeu de donde regressou, e assim como os outros correram não pequeno risco de perderem o anno, por não querer o ministro do reino de então, homem totalmente avesso á formação do corpo academico, que se lhes abonassem as faltas que derão para nos ajudar a conquistar a liberdade, contra a qual nunca no Brasil independente se levantou uma voz portugueza.

Na guerra de 1832 a 1834 ainda diversos brasileiros serviram no exercito constitucional; e cuido (valha a verdade) que na revolta da Maria da Fonte por ambas as parcialidades pelejaram brasileiros. Compare agora o *Argos* a indole dos dois povos. Em Portugal nunca partido algum pronunciou uma palavra offensiva contra os brasileiros, ainda quando esses se armavam contra o governo estabelecido (a este respeito invoco o proprio testimunho de um dos redactores do *Argos*, e o de quantos dos seus conterraneos redactores e não redactores ahi ha que tenham estado na minha patria); e aqui até o *Argos* que se inculca como um dos apostolos, como um dos pharóes da liberdade, e do progresso, acoima os portuguezes, não por terem, apezar do que diz, combatido por este ou por aquelle partido, senão por se haverem armado contra os que lhes ameaçavam as vidas e as propriedades. Nunca se viu progresso menos civilisador, nem mais retrogrado. *La conscience est la loi des lois*, como diz Lamartine.

(Continúa.)

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXI.

DUAS POTENCIAS!

A nuvem tinha passado; o caso de consciencia das perdizes estava esquecido. El-rei, apoiando o corpo sobre o pé direito, convertia em balanço familiar a sua poltrona, indicio evidente da regia alacridade. O confessor crescia com indignação, e o ministro fazia-se pequeno, prova de se achar grande. D. Pedro II, virando-se para Diogo de Mendonça, cujo valimento augmentára desde a dissertação canonica sobre o jejum, exclamou:

— « Vamos á historia do teu protegido. »

— « Qual historia, meu sr.? »

— « A do teu capitão *Bayardo*. Não foi Bayardo que disseste? Sabes que mais, Diogo de Mendonça? Ainda te acho muito poeta. Emfim, vamos a vêr. »

— « Perdoe v. magestade! Pois eu chamei *Bayardo* ao homem? É verdade não ha melhor soldado; mas *Bayardo* foi demais... por signal,

espera alli fóra a graça de beijar a mão de el-rei. »

— « Primeiro a historia. Tem alguma coisa, padre Sebastião? »

— Não, meu senhor. Ousarei lembrar novamente a v. magestade a audiencia do padre Ventura? »

— « Virá o padre tambem... Diogo de Mendonça, estou ouvindo. »

O jesuita furioso interiormente, por causa da preterição, foi bastante fino para tentar o supremo esforço de um sorriso, que lhe saíu a mais forçada e azeda das suas visagens. O secretario das mercês não perdia de vista o revm.º, por dentro rindo-se do seu desgosto, por fóra affectando uma innocencia primitiva.

Esta historia era um favor de el-rei, que se propunha grangear em proveito do capitão e do seu amigo Lourenço Telles; porque, apesar dos calumniadores, Diogo de Mendonça, accusado de ser o mais espirituoso comico da côrte, e de fingir no seu coração, vasio e desamoravel, todos os sentimentos, estimava pouca gente e poucas vezes, mas quando era amigo sabia sêl-o.

— « O visconde de Barbacena, saberá v. magestade — principiou o ministro — diz do capitão Jeronymo Guerreiro, que é a mais fina espada de cavallaria, e a melhor cabeça de conselho em ardís de guerra... »

— « O exordio promette » — acudiu o monarcha — « Queira Deus que não te cances antes de chegar ao fim... »

— « Não ha corpo sem cabeça, meu sr.! » — respondeu o secretario das mercês com summa gravidade — « E se o exordio parece forte a v. magestade, a narração me salvará... Tractava-se este anno da occupação de Alcantara ou de Badajoz, que se perdeu na outra campanha pelas demoras do conde de S. João, coitado!... A primeira difficuldade consistia em achar um lingua entre os castelhanos; porque era loucura metter com os olhos tapados o nosso exercito mesmo na bocca dos canhões... »

— « De certo! » — observou el-rei, accelerando o vai-vem da sua poltrona.

— « Mas quem seria o rato, capaz de pôr o guizo ao gato? — porque v. magestade percebe que os francezes apanhando o espia roubavam-no para os não alliciar, e arcabusavam-no depois para não fallar. Como pouca gente gosta de servir de mira aos mosquetes de uma companhia de soldados... »

— « E aqui entre nós, Diogo de Mendonça, ha de ser muito desagradavel! — tornou a observar el-rei, balançando-se na cadeira.

— » É verdade! No caso presente até se podia apostar noventa contra dois em como as probabilidades eram de ficar no meio da jornada com doze balas na cabeça, chumbo de mais para alvo tão pequeno. »

— « Diabolico! » — acudiu D. Pedro, esfregando as mãos.

— « Não admira, pois, que os officiaes se fossem escusando de modo que o visconde, muito cholerico, segundo é publico, fez-se branco, como a tira da camisa, e chegou a dizer que iria elle, se ninguem fosse, pois tanto valia morrer de um tiro em batalha, como levar dez balas no coração atraz de um fosso. »

— « Argumento forte, Diogo de Mendonça! » — notou el-rei.

— « Infelizmente ninguem se convenceu! » — proseguiu o secretario sorrindo-se. — « Nesta occasião entrava Jeronymo Guerreiro e o general batendo-lhe no hombro, gritou muito animado: — « Aqui está quem vai ganhar um posto, ou levar um peitilho de balas, a Badajoz! Por este respondo eu! » — Jeronymo informou-se, ouviu as instrucções, e muito serio, muito sereno, fez uma cortezia ao visconde, e sem dizer mais nada..

— « O que fez? » — gritou el-rei.

— « Partiu, meu senhor! »

— « Partiu!?.. » — exclamou o principe, levantando-se.

— « Immediatamente!... E como suppõe v. magestade que elle entrou por Hispanha? Em trajos castelhanos, a pé sobre duas muletas, fingindo-se côxo e tartamudo.... Em vez de um, pregou dois logros aos francezes. »

— « Bello estratagema! E fingiu-se bem? »

— « Tão bem, que foi até Madrid sempre mettido pelas portarias dos conventos e pelos pateos dos fidalgos, vendo e ouvindo tudo; e como parecia ter a lingua ainda mais tolhida do que as pernas, e a sua mala era o alforge de pedinte, não lhe perguntou ninguem d'onde era nem para onde ia.... Parvos! »

— « No mundo tudo são apparencias! » — interrompeu o padre Sebastião, olhando para o historiador com visivel intenção.

— « Santa verdade! » — exclamou este quebrando os oculos, como em certos dramas o protagonista estala a espada no joelho — « E então? Não quebrei os oculos?... São tudo apparencias, v. reverendissima o disse! Tudo é comedia.... »

— « Menos a morte, Diogo de Mendonça » — accudiu el-rei entristecendo.

— « Essa é tragedia!... Para que fallamos nós de morte? V. magestade graças a Deus, e todos esperamos viver largos e felizes annos... Longe vão os cuidados! »

— « E o nosso capitão? » — perguntou el-rei.

— « Quando se achou informado voltou coxeando para Elvas com os alforges cheios de esmolas e de noticias. O que suppõe el-rei que lhe havia de occorrer?... Pagar-se da jornada por suas mãos! Fazer dos castelhanos banqueiros de v. magestade!.. Isto de rapazes!... »

— « Como? »

— « Eu digo a v. magestade, Jeronymo é muito callado, e quando fórma um plano rumina-o comsigo; ora em elle achando a ideia, alguem por força acha de menos alguma coisa; fallo dos inimigos. Quando se recolhia, notou que os gados levados á feira de Guadalupe iam formosissimos, e pareceu-lhe mal não serem delle, e serem de seus donos... V. magestade sabe: cortar os viveres em campanha é tão meritorio para o soldado, como dar de comer a quem tem fome na paz de Deus. »

— « As obras de misericordia ás avessas? » — disse D. Pedro, rindo.

— « Ás direitas, meu senhor. A charidade bem ordenada começa por nós. Assim, aquelle menino... (desculpe v. magestade; é mau costume que tomei; chamo até meninos aos velhos — a s. reverendissima talvez, póde bem ser!) O caso é que o nosso capitão, sabendo que os gados ficavam dois dias em um logar da raia para descançar, deixou-se ficar com elles; e teve artes (demonio do rapaz!) de fazer que lhe offerecessem comida e dinheiro pelos guardar de noite, com promessa do dobro se quizesse acompanhal-os... »

— « E acceitou? »

— « Foi tão feliz que o obrigaram a acceitar! »

— « Mas elle fingia-se tartamudo? »

— « É o melhor da historia. Como não podia gritar deram-lhe um tambor e disseram que tocasse nelle em sentindo tropel. Feito o ajuste, os guardadores dormiram a somno solto; e como a quem dorme dormem os cuidados, elles ficaram, e os gados foram-se. »

— « Ah! » — gritou el-rei com alvoroço. — « Como foi, como foi? »

— « Com a maior simplicidade. Dormiam ao pé delle tres soldados de cavallaria, com ordem de não largar os rebanhos. Beberam e deitaram-se. Na segunda noite, Jeronymo, quando os viu ferrados no somno amarrou-os, poz-lhes mordaças na bocca, e rompeu depois o tambor. Montado na melhor egua, com um pampilho na mão, entrou em Portugal e chegou a Elvas, seria meio dia. Os guardas, que ficavam no logar, a meio quarto de legua, não sentiram nada; e acordando ao nascer do sol trataram de ajuntar os bois... Não havia bois. Acharam as muletas do coxo, os tres soldados prezos, e souberam então que elle tinha duas pernas famosas, e fallava como um doutor. Quizeram tocar a rebate no tambor, estava roto! Quizeram correr atraz do inimigo, não tinham cavallos... Pelo seguro Jeronymo levou os pés de mais aos Philisteus! Assim, quando sahiram ao campo, e deram aviso ao conde de Resbourg em Badajoz, andavam já os nossos batedores á pressa recolhendo os toiros desgarrados. O peior foi que em vez do seu gado, o conde de Resbourg encontrou o visconde de Barbacena, que lhe assentou ainda em cima a mais completa derrota!... Aqui tem v. magestade como este anno a feira passou de Guadalupe para Elvas, louvado seja Deus! »

— « É uma grande façanha, Diogo de Mendonça. E os hispanhoes? »

— « *Con su pan se lo comeron!* Disseram que *el zorro fue tentacion del demonio*.... Tolos! »

— « Diogo de Mendonça é preciso premeiar o capitão. »

— « V. magestade obrará como grande rei. Um habitosinho de Christo e uma tença... »

— « Elle é casado? »

— « Está em perigo de o ser. »

— « E não lhe succedeu mais nada? Os castelhanos forte odio lhe hão de ter! »

— « De morte. Mas elle com os gados ficou melhor. »

— « De certo. Introduze-o! »

Minutos depois Jeronymo inclinava a cabeça e dobrava o joelho diante de el-rei; e s. magestade dando-lhe a mão a beijar com affabilidade, admirava o ar brioso do capitão do seu exercito do Alem-Téjo.

— « Jeronymo Guerreiro » — disse o monarcha — estou contente com o teu serviço. Continua e lembra-te que el-rei deseja ter occasião de premiar.... O bastão de mestre de campo costuma achar-se na trincheira de uma praça de guerra, ou apanha-se no meio dos terços do

inimigo... Diogo de Mendonça já recebeu as minhas ordens a teu respeito. Pódes retirar-te. »

O mancebo cheio de jubilo por esta recepção distincta, tornou a beijar a mão do monarcha, e inclinando-se apenas disse:

— « A minha vida é curta para agradecer a munificencia de v. magestade. »

Depois fez as cortezias da etiqueta e, sem nunca virar as costas, retirou-se.

— « Diogo de Mendonça » — exclamou D. Pedro — « gostei do teu protegido; falla com muito acerto. Pódes dizer-lhe que lhe faço mercê do habito e mais da terça... »

— « É de justiça, meu senhor. Quando v. magestade o poz aos peitos de um preto, seria admiração não o conferir a um official brioso. »

— « De um preto? » — gritou el-rei com impeto.

— « Sim, meu senhor. Domingos Pires é negro como azeviche, e de mais a mais barbeiro de profissão.... Sinto na verdade, mas parece notavel que assente bem o vermelho sobre o preto e que a navalha dê o habito. »

— « Padre Sebastião, isto o que quer dizer? » — clamou o monarcha fazendo-se branco.

— « Senhor! » — accudiu tremendo o confessor — não fui eu.... »

— « Tem rasão... foi o infante. Ah, Francisco, Francisco! O habito de Christo a um preto, a um barbeiro! Que vergonha... Diogo de Mendonça, como se ha de valer agora a isto? »

— « Só com o painel da misericordia! O habito está enforcado no preto. Tire-se o negro para sumir o habito. Não vejo outro remedio. »

— « Então? »

— « Mandemos o pae Domingos a tomar ares patrios. Despacha-se para Guiné.... »

— « Para o fim do mundo! — gritou el-rei furioso. — Um barbeiro preto com o habito!?.. Ah, Francisco! Diogo de Mendonça despache o negro e salve o habito... »

— « Occorre-me outra coisa... »

— « Diga. »

— « Ha de haver por força algum branco deste nome. Procuramol-o e da-se-lhe o habito. Dizemos depois ao negro que foi engano. Elle acredita!.. Tanto mais quanto de noite tudo é preto, e até os gatos brancos são pardos. »

— « Excellente! — disse el-rei a rir. — Mas Diogo de Mendonça, tu, porque expediste essa mercê?.. »

— « Eu, senhor? Não sabia. V. magestade é justo, é sabio, mandou as suas ordens, obedeci. Não tenho a rol os pretos forros que andam a caiar Lisboa, ou a escanhoar as barbas aos matelotes. Ia a sahir hoje, e apparece-me na escada um negro... bom negro! Vale cem mil réis, posto no Brazil. Cuidei que o moleque pedia esmola... desgraçadamente agradecia-me o seu despacho. — Pois eu despachei-o? — v. s.ª deu-me o habito de Christo. »

— « E vossemecê quem é? »

— « Sou o barbeiro dos creados do sr. infante. »

— « E eu dei-lhe o habito, está bem certo? — « Vem neste papel. » — E vinha... por Deus! — Disse ao preto, que voltasse; mas pelo seguro esqueci-me e o diploma ficou no boslo. Aqui o tenho. »

— « Pois vá, Diogo de Mendonça, e veja se desencardimos a ordem de Christo de tal borrão... padre Magalhães, acabemos a noite. O seu recommendado póde vir... Ai que filhos me deu Deus! »

O secretario das mercês sahiu logo, e instantes depois entrou o jesuita, com os olhos baixos e humildes. Á porta, quando se inclinou para el-rei, poz-lhe a vista com a força de intuição, que era o dom precioso do seu genio; e leu-lhe na anciedade, em que a dor contrahia as feições, na pallidez cubrindo a face de um veo, e na tristesa mortal da phisionomia, os progressos e a crise de uma enfermidade rapida, que os medicos não tinham sabido adivinhar. O padre Ventura entendeu logo que el-rei D. Pedro era como se estivesse já em S. Vicente de Fora, ao lado de seus paes.

El-rei, tambem, com a firmeza de tacto, que dá a pratica de conhecer os homens, achou o jesuita superior á sua humildade, e muito maior do que a obscura posição, que figurava. Examinando-o silenciosamente, estendeu-lhe a mão, e sem saber porque chamou a si toda a penetração, como se um instincto secreto o avisasse de que tinha diante de si, em vez de um religioso vulgar, uma potencia senhora do coração dos outros, porque dominava o seu, exclusiva e absoluta, porque na sua mão o poder era unico, porque a vontade e a intelligencia eram absolutas.

O padre tinha-se curvado; nem tanto que o respeito apparecesse como servidão, nem tão pouco que tomasse a côr de orgulho. Pousados na mão, o monarcha sentio que elle tinha os beiços ainda mais frios do que o sorriso.

— « Sebastião de Magalhães — observou D

Pedro — pezando as palavras e pondo os olhos como duas sentinellas no descorado semblante do jesuita — o meu confessor, pediu-me uma audiencia da parte de v. paternidade. Deve saber que D. Pedro II muitas vezes se tem levantado da mesa para deferir aos mais obscuros vassallos. Não precisava de empenhos, padre, para chegar á presença de el-rei. Um soberano tem obrigação de ouvir a todos, como espera que Deus o ouça a elle. »

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXXXIV.

PRESENTIMENTOS.

Neste mesmo dia da caçada real, de madrugada, chegára a Salvaterra a Calcanhares, que o conde de Castello-Melhor, sempre com o fim de conservar influencia activa sobre o animo de El-rei, que tendia constantemente a escaparse-lhe, mandára buscar a Lisboa.

Apenas em Salvaterra, logo Margarida ordenou á sua aia e confidente indagasse noticias de Francisco d'Albuquerque, e como por sua parte este tambem havia encarregado Diogo Cutilada de procurar Margarida, os mensageiros dos dois amantes em breve se encontraram; de modo que, quando a corte partiu para a montaria, já estava ajustada a hora e o logar em que elles se encontrariam.

Ao cahir da tarde a Calcanhares, acompanhada apenas pela aia, sahiu de sua casa, que ficava a pouca distancia do palacio real, por detraz da falcoaria, e dando uma larga volta dirigiu-se a uma casinha terrea e baixa, situada a uns quinhentos passos da villa. A porta da pequena casa estava cerrada apenas, e Margarida entrou sem hesitar. Já lá a estava esperando o namorado capitão Francisco d'Albuquerque, que anhellava a vêr-se outra vez junto da sua amada naquelle *engano d'alma*, naquelle enlevo doce e apaixonado, brando e penetrante, que só um amor verdadeiro póde dar.

Sós, porque a aia de Margarida ficára de guarda á porta, os dous amantes lançaram-se nos braços um do outro, e durante minutos não se ouviram naquella pobre casa senão as palavras soltas, incoherentes, balbuciadas, suspiradas, que são a mais dramatica e sincera expressão das paixões impetuosas, quando afluem em tumulto ao coração.

Quando sentiu mais livre a voz, menos agitado o espirito, a Calcanhares, exclamou:

— Que imprudencia esta nossa!

— O que chamas tu uma imprudencia, Margarida? O vermos-nos, o encontrarmos-nos aqui, para fallarmos do nosso amor, e contarmos as nossas saudades, o padecer da ausencia, o martyrio desta separação.

E Francisco de Albuquerque beijou com fervor, com adoração, as mãos da Calcanhares.

— De um momento para o outro podem voltar da caça, e dár pela minha falta.

— Fugiremos.

— Não temos para onde. E as minhas... as nossas promessas...

— Que importam promessas, quando cumpril-as é morrer a fogo lento, é consumir-se em incomportaveis tormentos.

— Mas, eu uma triste mulher escrava, porque o sou, tu um pobre capitão, creado de Sua Alteza, sem protecção, sem nada, que podemos nós fazer contra a vontade de tantos grandes e poderosos?

— Pedirei auxilio ao sr. Infante; pedir-lhe-hei...

— Não te attenderá. Sua Alteza — permitte-me que eu te falle com sinceridade: tu és homem, mas não conheces os grandes, como eu, meu querido Francisco — Sua Alteza julga-te morto; e faz-lhe conta que tu estejas morto. É mais uma accusação contra o valido...

— O sr. D. Pedro, quererá então a nossa fuga, para que se não saiba mais de nós na corte — acudiu o capitão.

— Já te não lembras do que passaste com o padre Manuel Fernandes?

— Recebi a carta que me escreveste antes de sahir de Lisboa; e o jesuita... eu já me confessei ao padre Fernandes. Os jesuitas querem saber por mim os segredos d'El-rei e do Castello-Melhor, e não consentirão, que eu me affaste da corte.

— O que podem os jesuitas?

— Podem tudo, Francisco. É delles que treme o conde; é delles que se arreceia El-rei. Sinto-me perdida, no meio de tantas paixões, de tanta ambição, de tantos interesses luctando sempre, de tantos odios implacaveis. Eu fraca mulher como poderei resistir á força de tantas vontades!

— Não percas o animo Margarida. Havemos

de vencer todos os obstaculos, que se opposerem á nossa felicidade. O nosso amor ha de ser mais poderoso, do que os poderosos. E de mais, não nos prometteu Fr. Pedro de Sousa a sua protecção?

— O conde oppor-se-ha a tudo.

— Não prometteu o padre Manuel Fernandes salvar-nos?

— Mas com a condicção de eu ficar na corte mais alguns dias.

— Então...

— Esses dias tornar-se-hão em annos, se assim fôr necessario aos interesses da Companhia. Has de espantar-te de me ouvir fallar deste modo — proseguiu a formosa Calcanhares, sorrindo tristemente — mas lembra-te do quanto eu tenho padecido, e saberás como aprendi todas estas coisas. Não sei porque, mas sinto como uma nuvem negra sobre o coração; tenho aqui um presentimento de que não voltarão dias como aquelles que passámos um com o outro. Tu, morto para o mundo...

— Ainda o estou; para ti só estou vivo.

— E para o padre Manuel Fernandes; para os jesuitas tambem estás vivo. Não voltarão dias como aquelles! Foi uma imprudencia o que fizemos, foi uma loucura sahir eu de casa a esta hora, quando El-rei, quando Henrique Henriques está a chegar por instantes da caça, e póde dar por tudo, e perder-nos para sempre, mandar-te assassinar outra vez.

— Não receies nada. Deus não póde permittir...

— Francisco é melhor separarmos-nos; voltar-mos para Salvaterra. É noite, quasi noite cerrada, e o tempo está assustador.

— Não tinha dado por tal.

— Nem eu. Mas olha, vê como se tem enegrecido o ceu; e com que rapidez se succedem os relampagos.

— Já se ouvem perto os trovões. Tens rasão, Margarida — proseguiu Francisco d'Albuquerque suspirando: — é preciso separarmos-nos antes que augmente a tempestade. Para nos tornarmos a vêr quando?..

— Logo que poder ser. Amanhã talvez...

— Ai, permitta o céu que assim seja.

— Não te esqueças de me ter sempre amor — acudiu a Calcanhares com um sorriso, desses que são mais tristes do que o pranto; que são destinados a consolar, porém que fazem partir o coração de quem os vê.

— Quem se ha de esquecer do céo, depois de ter vivido com um anjo?

E a estas, seguiram-se muitas outras frases, que o amor dictava, e que a sinceridade da paixão tornava eloquentes, poeticas, sublimes.

No entretanto a tempestade torva e sinistra, ia estendendo pelo céo as suas pesadas sombras; e o rugido do trovão, acompanhado pelo sibilo do vento troava pelos valles, cada vez mais temeroso. E quando, no fim de uma longa despedida, em que aos amargores dos maus presentimentos, se misturavam as inefaveis doçuras do amor, os dois amantes se quizeram separar, a chuva, caindo em torrentes, innundava os campos, e tornava quasi impossivel a volta de Margarida para Salvaterra.

— Que se ha de fazer agora! — exclamou a Calcanhares, ao chegar á porta da casa para sair. — Voltar para Salvaterra é impossivel com esta chuva; e é já noite... é tarde.

— Esperaremos que pare a chuva, e então irás.

— Não vês a sairem de Salvaterra, e correndo em todas as direcções cavalheiros com archotes accesos? Que será?

— Ainda havia ar de dia, quando a côrte entrou em Salvaterra. Já chovia agoa a cantaros — interrompeu a aia de Margarida, que tinha ficado, como o leitor sabe, de vigia á porta. — Agora, ha um bocado que estão saindo do palacio homens com luzes...

— Talvez Henrique Henriques, ou El-rei déssem pela minha falta: — exclamou a Calcanhares fóra de si — e me andem procurando. Que se ha-de fazer, meu Deus; que havemos de fazer agora?

— Esperar; não ha remedio senão esperar. Ter confiança na protecção divina, e esperar — respondeu o capitão.

— Nem neste momento seria prudente sair — acudiu a aia. — Anda pôr aqui perto um vulto negro de mulher, que parece, que talvez seja alguma bruxa; e então... *abrenuncio*. Credo, Deus seja comnosco. Deixemos abrandar um pouco a tempestade.

— É melhor ficar: — disse Francisco d'Albuquerque, a quem o desejo de estar com a sua amada fazia ter em pouco todos os perigos.

— Fechemos a porta então. — E a aia da Calcanhares, acompanhando a palavra com o gesto, fechou immediatamente a porta.

— Estamos mais em segurança agora com a porta fechada — proseguiu a aia. — Não nos verá a tal bruxa que por ahi anda; se é bruxa e não o diabo em pessoa. Deus se amercêe de vós, amen!

— Vou vêr o que é — accudiu Francisco d'Albuquerque.

— A senhora da Penha o livre de tal. Esperemos que passe a tormenta. Santa Barbora bemdita... Eu vou acender a candêa que vi alli pendurada na cosinha.

— E se o campino, que é o dono desta casa, vier agora, e me vir, e nos encontrar aqui juntos, que se ha de fazer, Francisco? — interrompeu a Calcanhares.

— Não vem. Elle cedeu a casa ao Diogo Cutilada até amanhã; e é homem seguro.

A aia de Margarida tremendo de medo, e mais para se dar confôrto a si do que para servir sua ama, accendeu a candêa do campino, e pendurou-a n'um prego que havia para esse fim cravado na parede.

J. DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Destruição dos animaes daninhos. — Aconselha-se o seguinte como efficaz e expeditivo. — « Introduza-se no corpo de passaros pequeninos, mortos, feita uma incisão profunda, uma dose de strychinina (fava de St. Ignacio) em pó, tape-se com um pouco de unto sem sal misturado com duas gotas de oleo de anis. Ponham-se as avesinhas assim preparadas a dois passos de distancia do covil da raposa, ou do ginete, ou na intersecção dos trilhos que elles costumam seguir; e a morte dos bichos daninhos é certa.

Novo monumento americano. — Tomamos da *Chronicle* de Nova-York o seguinte: — « O encarregado de negocios dos Estados-Unidos em Roma, em officio que dirigiu na data de 24 de dezembro ultimo á sociedade encarregada de executar o projecto de um monumento nacional, erecto á memoria do general Washington, participa que sua santidade fez constar, pelo secretario de estado Cardeal Antonelli, ao sobredito agente diplomatico, a sua intenção de contribuir para o mesmo objecto com a offerta de um toro de marmore, extrahido do antigo templo da Paz, immediato ao palacio dos Cesares. Esta peça de marmore levará gravada a inscripção: — *Roma á America.*

« A sociedade respondeu em 4 de janeiro a sua santidade, acceitando agradecida o obsequio, e declarando que a mencionada pedra será assente em um logar principal do monumento, como prova da estimação que lhe merece.

Sal da Grã-Bretanha. — No anno de 1851, as salinas de Inglaterra, que são 97, e as mais importantes no condado de Worcester, produziram oitocentas mil toneladas de sal; metade foi exportada para os Estados-Unidos e o Canadá, e para os diversos paizes do Baltico; o resto consumiu-se no Reino-Unido da Grã-Bretanha, como condimento de iguarias, como adubo das terras, e como materia prima nas fabricas de alcali. A cidade de Newcastle só á sua parte consumiu setenta mil toneladas.

Theatro italiano em Londres. — A nova companhia lyrica deste theatro numera entre outros os nomes da Grisi, de Viardot, Castellan, Zerr, Medori, Ronconi, Formes, Galvani, Auder; e desempenhará o repertorio, que formou de 36 operas, cinco das quaes são inteiramente novas.

Premio a um cantor. — O tenor Tamburini, que tantos applausos tem obtido nos principaes theatros da Europa, especialmente na opera itatiana em Paris, viu agora recompensado o seu extraordinario merito com munificencia verdadeiramente régia, como consta das seguintes linhas no *Jornal* de S. Petersburgo.

« Tamburini, o celebre artista da nossa opera, que sempre fez parte da companhia italiana desde a sua creação em S. Petersburgo, vae emfim deixar-nos. A sua partida é assignalado por uma circumstancia, que ha de causar satisfação a todos os amantes da arte. S. M. o imperador brindou-o com uma medalha ricamente adornada de diamantes, para trazer ao peito, pendente do cordão da ordem de St.º André. S. alteza ministro da casa do imperador enviou a Tamburini esta demonstração da alta benevolencia de S. M., com uma carta cheia de expressões lisongeiras para o eminen e artista.

THEATRO DE S. CARLOS.

Tem continuado a ser muito bem recebida a dança *O orphão da Aldea.*

Hontem sendo o beneficio da primeira bailarina sr.ª Monticelli, a concorrencia tanto nos camarotes como na platéa foi numerosissima. Deu-se a opera *Ildegonda*, a dança, e um novo passo em caracter hungaro, pela beneficiada.

A sr.ª Monticelli deve estar satisfeita do acolhimento que teve: nada faltou para seu completo triumpho, corôas, flores, poesias, o seu retrato feito por uma subscripção entre alguns de seus admiradores, emfim todas aquellas demonstrações de apreço e sympathia, que enchem de gloria o coração de uma artista, e a que a beneficiada tem incontestavel direito pelo seu distincto talento.

D. R.

LIVROS DE MISSA E SEMANA SANTA.

Ha um rico e variado sortimento de livros de missa e semana santa, com capas de velludo e marroquim, com feixos e chapas de metal doirado, e lindas fitas para signaes dos mesmos livros, tudo por preços commodos e fixos, na loja de Lavado rua Augusta n.º 8.